



## Precisamos dialogar acerca do (e no) ensino de Sociologia

Cristiano das Neves Bodart<sup>1</sup>

### Precisamos dialogar sobre a Pesquisa acerca do Ensino de Sociologia!

Baseando-nos em Freire (2019) partimos do pressuposto que dialogar demanda, ao menos, dois atores sociais. Não se trata de um monólogo, onde alguém fala e outro(s) escuta(m); demanda ouvir e falar *com* o(s) outro(s). Aliás, falar nem sempre envolve diálogo.

Dialogar sobre o ensino de Sociologia exige dos envolvidos interações e trocas, seja entre pesquisadores<sup>2</sup> e pesquisados, pesquisadores e orientandos ou entre pesquisadores e seus pares. **Na pesquisa** sobre o ensino de Sociologia, que envolve pesquisador(a)s e pesquisado(a)s, importa não objetivar o(a) pesquisado(a), tornando-o(a) uma “coisa”. Ao contrário, é importante tomá-lo(a) por co-autor(a) na produção do conhecimento. É em diálogo com esse(a) co-autor(a) –

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). *E-mail:* [cristianobodart@gmail.com](mailto:cristianobodart@gmail.com)

<sup>2</sup> Importa destacar que em geral o(a) pesquisador(a) é também educador-educando (FREIRE, 2019), atuando no ensino superior. Usamos o termo composto “educador-educando” cunhado por Freire (2019) por considerar que a docência dá-se no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, se ensina aprendendo e se aprende ensinando.

falando com ele(a) e ouvindo-o(a) – que o conhecimento das práticas sociais e seus sentidos se originam. Assim, desvelam-se as práticas do ensino de Sociologia com suas riquezas de sentidos percebidos e compartilhados dialogicamente com todos os envolvidos.

Qual o sentido de pesquisar o ensino de Sociologia se isso não gerar mudanças qualitativas na vida cotidiana que se desenrola na (e a partir da) escola? Em termos freirianos (2019), qual seria o sentido de uma pesquisa que não identifique situações-limites que potencialize a concretização do inédito viável<sup>3</sup>? Chamamos atenção para o fato de que muitas vezes os atores sociais pesquisados (educadores-educandos, discentes etc.) só dispõem dos momentos da pesquisa para dialogar com o(a) pesquisador(a). Muito provavelmente os atores sociais pesquisados não estarão a ler a tese produzida ou o artigo científico publicado em periódico *Qualis* A1, assim como dificilmente marcarão presença nos auditórios dos congressos acadêmicos de Sociologia ou de Educação onde as pesquisas são apresentadas. Se não houver diálogo durante o ato de pesquisar, privamos os atores sociais envolvidos do conhecimento que co-produzimos no subcampo de pesquisa do ensino de Sociologia. Sem diálogo tendemos a ouvir nossas próprias vozes e limitamos os “resultados” de nossas pesquisas às nossas visões de mundo. Por isso, importa dialogar sobre o ensino de Sociologia no momento da prática da pesquisa. Como sinalizou Freire (1977, p. 65) “a intersubjetividade ou a intercomunicação é a característica primordial deste mundo cultural e histórico. [...] Pela intersubjetividade, se estabelece a comunicação entre os sujeitos a propósito do objeto”; por isso, advogamos que pensar o ensino de Sociologia como objeto de pesquisa se mostrará mais produtivo na medida que a intersubjetividade entre pesquisadore(a)s e pesquisado(a)s for estabelecida.

Dialogando saímos do nosso “mundo acadêmico” e adentramos em outros existentes, assim como apresentamos esse nosso mundo aos de fora. Dialogando fazemos com que o conhecimento acadêmico produzido no campo fique no campo;

---

<sup>3</sup> Grosso modo, inédito viável seria, para Freire (2015, p.50), “a superação desta percepção fatalista por outra, crítica, capaz de divisar mais além destas situações [de situações-limites]”. Ou ainda, “a materialização historicamente possível do sonho almejado. É uma proposta prática de superação, pelo menos em parte, dos aspectos opressores percebidos no processo de conhecimento que toma como ponto de partida a análise crítica da realidade” (FREITAS, 2005, p. 6).

ao menos parte dele. Não vejo melhor maneira de aproximar a universidade do(a)s educadores(a)s da escola básica e de seus discentes. Portanto, precisamos dialogar sobre o ensino de Sociologia!

## **Precisamos dialogar no Ensino de Sociologia!**

Convém repetir: dialogar demanda, ao menos, dois atores sociais. Não se trata de um monólogo, onde alguém fala e outro(s) escuta(m); demanda ouvir e falar *com* o(s) outro(s). Aliás, falar nem sempre envolve diálogo.

*No ensino de Sociologia*, no chão da escola ou da universidade, não podemos adotar práticas depositárias de conhecimento. Em se tratando de ensino-aprendizagem, como disseram Freire e Shor (1986, p. 14) “o diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual”. Nosso(a)s discentes precisam ter “direito à palavra”, de expressar-se, de relatar os mundos como os enxergam. Como destacou Freire (2019, p.108-109), “não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão [...] o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”. Não podemos olvidar que o(a)s nosso(a)s discentes têm seus mundos, ainda que possamos – e devemos – apresentar-lhes outros possíveis.

É sabido que o mundo do(a) professor(a) e o mundo dos discentes são diferentes; às vezes distantes. Em se tratando de conhecimento, o saber do “homem e da mulher simples” difere no saber do “homem e da mulher culta”. Recorrentemente usamos, respectivamente, as expressões “senso comum”<sup>4</sup> e “conhecimento científico” para diferenciar esses saberes; muitas vezes com pretenções equivocadamente hierarquizantes. Os saberes não devem ser estratificados. Tratar nossos discentes como dotados de saberes inferiores (ou desprovidos de saber) pouco ajudará no processo de ensino-aprendizagem. Importa

---

<sup>4</sup> Importa chamar atenção para o fato de que nem todo o saber que recorrentemente é denominado de senso comum é mágico ou ingênuo, sobretudo em contexto de popularização dos saberes científicos, o que vem ocorrendo de diversas maneiras, tais como por meio de programas de jornais, manifestações artísticas e redes sociais.

ampliar os saberes dos discentes para que tenham liberdade; para não serem subjulgados e viverem plenamente nos mundos que desejarem. Não é uma questão de romper com o “senso comum” dos estudantes, mas superá-lo, dotando-os de condições para “jogar” em pé de igualdade com os demais homens e mulheres, sobretudo com aqueles que possam tentar inferiorizá-los, coisificá-los ou dominá-los. O ensino de Sociologia realizado em diálogo visa fomentar o empoderamento, o que se dá com o respeito e reconhecimento das potencialidades de cada discente. Nenhum ensino depositário é respeitoso e reconhecedor das virtudes do outro. Na relação dialógica acessamos o universo temático (ou a temática significativa) dos homens (FREIRE, 2019) e dele tomamos os temas geradores<sup>5</sup> do processo de ensino-aprendizagem, este tornar-se-á mais significativo.

Entendemos que o diálogo é como uma ponte que liga mundos. Considere que uma ponte – o diálogo – tem, ao menos, duas pontas cujas direções são de mão dupla. Por meio do diálogo o(a) professor(a) deve conhecer o mundo de seus discentes (sobretudo suas situações-limites), assim como conduzi-los ao outro lado; à outra ponta possível (ao inédito viável). Estamos falando em usar essa ponte em sua dupla direção. Embora pareça um mero jogo de palavra, inferimos que quem ensina sempre aprende e é aprendendo que se ensina. No diálogo possibilitamos a co-autoria do conhecimento produzido, dando-lhe mais sentido por torná-lo nosso. Assim, o ensino de Sociologia deixa de ser um colonizar o pensar do outro, o que seria, em alguma medida, uma espécie de invasão cultural. A prática de ensino-aprendizado enquanto diálogo se configura como o encontro dos homens para ser mais, como preconizava Freire (2019).

## **Os Manuscritos da Edição: em Busca de Diálogo**

---

<sup>5</sup> Por “temas geradores” compreendemos como sendo temas extraídos dialogicamente do universo temáticos dos educandos em forma de problematização, existindo neles, produto da relação deles com o mundo e que “brotam” justamente do mundo vivido dos homens. (FREIRE, 2019)

Partindo dos princípios postos nas seções anteriores apresentamos e comentamos os relatos de experiência docente, os artigos, as resenhas e a entrevista presentes no volume 4, número 1 [2020] dos Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais.

Tal número traz cinco (5) relatos de experiência docente, quatro (4) artigos, três (3) resenhas e uma (1) entrevista. Nos chama atenção o número de relatos de experiência docente, o que revela a ampliação do diálogo entre professores que estão no chão da escola e a comunidade acadêmica que compõe o subcampo do ensino de Sociologia. Mais do que isso: professores que, tomando a revista como espaço de “direito à palavra”, estão a nos oferecer suas leituras de práticas do ensino de Sociologia. Ouvi-los é fundamental para que haja diálogo entre escola e universidade, e “educadores-educando/pesquisadores” e “acadêmicos-pesquisadores” (que também são educadores-educandos).

O primeiro **RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE**, intitulado ***“Brinquedos e Brincadeiras da Infância: Um debate sobre socialização e desigualdades de gênero”***, é de autoria de Ana Luiza Gomes Profírio. Dialogando com os discentes, a educadora-educanda/pesquisadora enxergou os mundos dos estudantes, observando que são marcados por noções hegemônicas de gênero. Tomando tal mundo como ponto de partida propiciou um momento dialógico de enfretamento entre visões mais ou menos igualitárias sobre as relações de gênero. Assim, o relato traz uma experiência de diálogo sobre gênero, culminando na elaboração de *Podcast* produzidos nas aulas de Sociologia “com” (e não sobre) turmas de 1º ano do ensino médio, com cerca de 30 a 35 de estudantes, esses na faixa etária entre 14 e 17 anos. O diálogo foi possível porque a educadora-educanda/pesquisadora partiu dos mundos dos discentes (suas brincadeiras de infância) dando-lhes “direito a palavra” (nos debates e na produção dos *Podcasts*).

Nos termos de Freire (2019), o ponto de partida foi a “situação-limite”<sup>6</sup> e com vista a promover “atos-limites”<sup>7</sup>, qualificados como ações libertadoras e revolucionárias.

O segundo relato de relato de experiência docente, intitulado **“Oficina Democracia representação política na escola”**, é de autoria de Clovis Schmitt Souza. Trata-se de um relato de 15 oficinas realizadas a partir de uma atividade extencionista da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) com discentes dos segundos e terceiros anos do ensino médio. O objetivo foi sensibilizá-los à compreensão do papel das instituições políticas, tomando a cidadania como reflexo do conhecimento do poder exercido pelas instâncias democráticas de representação. Buscando se aproximar dos discentes, foram reapresentados conceitos basilares da Ciência Política que já lhes haviam sido apresentados, para, em seguida, proporcionar o direito a palavra e a permissão que democraticamente indicassem “temas geradores”. A pergunta foi usada como recurso metodológico orientacional do início da oficina, gerando a produção de redações e debates numa disposição das cadeiras em meia lua (nos levando a recordar, em alguma medida, dos Circulos de Cultura freireanos). A oficina teve a virtude de eleger o diálogo como o centro da prática docente, sendo o conhecimento produzido em co-autoria entre oficineiro e discentes.

Raquel Folmer Corrêa é a autora do terceiro relato de relato de experiência docente. Intitulado **“Sociologia escolar: reflexões sobre docência e problematização de temáticas tecnológicas”**, o texto traz uma experiência de convite à prática docente dialógica (entre educadores-educandos e discentes) que abre cominhos para a análise das possibilidades e dos limites em promover reflexões sobre temáticas dos Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias (ESCT), dialogando, inclusive, com contribuições de Paulo Freire (2019[1968]). A experiência didática ocorreu no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR-Jaguari), em 2018, com uma turma de discentes do Ensino Médio Integrado (EMI) do 2º ano do curso de Sistemas de Energia Renovável (SER). Também o maior mérito da

---

<sup>6</sup> Situações-limites, em Paulo Freire (2019, p. 126), são “a percepção que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar”.

<sup>7</sup> Atos-limites são “ações [...] que se dirigem à superação e à negação do dado, em lugar de implicarem sua aceitação dócil e passiva” (FREIRE, 2019, p. 125), sendo essas respostas transformadoras que venham levar a superação das situações-limites.

experiência esteja em ter proporcionado aos educandos e as educandas o direito de co-produzir seus conhecimentos.

**“O que se ensina para quem ensina?: relato de experiência do Laboratório de Ensino de Ciências Sociais”** é o título do relato de experiência docente de Rayza Sarmiento, Gianini Scarllat Cruz e Pedro Henrique Pio Nascimento. Trata-se de experiência envolvendo discentes e educadores-educandos da disciplina Laboratório de Ensino de Ciências Sociais II, oferecida no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Observamos nesse relato a preocupação em democratizar o direito à palavra, tendo sido escrito por dois discentes e a professora responsável pelo componente curricular (Laboratório II), onde suas “vozes se alternam e se complementam ao longo do relato”(CITAÇÃO?). A experiência possibilitou que os discentes e educadores-educandos olhassem para o que produziram no passado, reavaliando-se, o que contribui para uma formação profissional crítica e libertadora.

O quinto relato de relato de experiência docente, intitulado **“Leituras de ‘O suicídio’ na escola: estudos e ações de prevenção em aulas de Sociologia no ensino médio”**, é de autoria de Vanessa Souza Pereira, Mariana Suyan Martins Dutra. Trata-se de uma atividade desenvolvida em uma escola pública estadual no município de Palhoça-SC. A escolha da temática para o desenvolvimento dessa experiência deu-se pela percepção das necessidades da comunidade e do contexto social que estavam envolvidos os discentes e coube a eles propor projetos e campanhas de prevenção ao suicídio. Currículo à serviço da comunidade e em diálogo como os discentes foi a forma adotada pelas educadores-educandas/pesquisadoras para tornar a aprendizagem mais significativa.

Este volume traz na seção **ARTIGOS** quatro textos. O primeiro, intitulado **“Ensino de sociologia: a legislação vigente no Brasil”**, é de autoria de Thiago Fidelis. O referido artigo problematiza a relação entre dois momentos em específico: a implantação obrigatória do ensino de Sociologia em 2008 e as novas diretrizes para o ensino médio aprovadas em 2018. Ações que visam retirar a Sociologia do ensino médio aparecem como pano de fundo do artigo, evocando argumentos em favor da disciplina e da liberdade de expressão, esta atacada por

movimentos como o Escola Sem Partido, os quais, como destacou Fidelis, são contrários a uma educação crítica emancipatória defendida por Paulo Freire (2019). Fidelis nos leva a pensar a importância da Sociologia para o fortalecimento de uma educação dialógica.

Com o título ***“Temáticas de Política Educacional na cultura de formação de professores das Ciências Sociais”***, Eduardo Carvalho Ferreira desenvolve uma pesquisa que parte da necessidade de dar ouvidos aos sujeitos da pesquisa, buscando identificar o conhecimento de professores de Sociologia acerca das temáticas correlatas às políticas educacionais, para, em seguida, problematizar a cultura de formação de professores nas Ciências Sociais. Notamos aqui a pretensão do pesquisador em ouvir 150 atores sociais (educadores-educandos de Sociologia) para refletir sobre a formação docente a partir dos saberes observados, dos mundos dos professores. Esperamos que os educadores-educandos respondentes do questionário possam ter acesso a essa pesquisa, voltando-lhes não em forma de resposta, mas como problematizações. Como a CABECS é um periódico de acesso aberto que vem se popularizando entre os professores de Sociologia que costumam acessar as redes sociais, nossa esperança de que o diálogo se mantenha permanece acesa. Se assim for, o diálogo se estende e amplia-se o conhecimento co-produzido por Ferreira e os educandos-educadores de Sociologia respondentes do questionário aplicado; sendo esses entendidos por nós como companheiros de pronúncia do mundo.

O quarto artigo é de autoria de Artur Santos. Intitulado ***“Quem são os professores de Sociologia de Pernambuco? Uma caracterização a partir do Censo Escolar de 2019”***, o autor traz uma importante colaboração ao colocar no centro de sua preocupação os atores sociais que pesquisa, passo importante para rompermos com as práticas de objetificação dos professores. Como sugere o título do artigo, Santos buscou compreender o perfil dos professores de Sociologia do estado de Pernambuco, tomando como fonte os microdados do Censo Escolar de 2019, disponibilizados pelo INEP, para então identificar os desafios e obstáculos para o ensino de Sociologia e para a consolidação da disciplina naquele estado. O autor indentificou algumas das dificuldades impostas à consolidação da Sociologia

como disciplina escolar, dentre elas a deficiência na formação docente, a rotatividade e a instabilidade profissional. Pesquisas como essa são importantes pontos de partida para o reconhecimento das realidades dos educadores-educandos de Sociologia, o que é fundamental para promover uma relação dialógica com esses atores sociais em futuras pesquisas de aprofundamento de compreensão de suas situações no mundo, possibilitando que os pesquisadores não venham partir de uma visão pessoal da realidade, o que os levariam à falhas, como pontuou Freire (2019).

O quinto artigo trazido pela revista é de autoria de Gislaine dos Santos Pereira. Com o título *“BNCC e o futuro da Sociologia no ensino médio – uma análise comparativa”*, Pereira aborda as transformações provocadas pela BNCC sobre a presença da Sociologia no currículo do ensino médio. Observa que, nos últimos anos, as reformas são constantes e a sua intensidade dá-se a depender das forças políticas no poder e seus interesses. Ainda que de forma indireta, a autora tece uma crítica à forma autoritária de produção do currículo no Brasil, a despeito de toda a colaboração freireana a essa temática (ainda assim, encontramos acusações infundadas de que as ideias de Paulo Freire seriam as raízes dos problemas da educação brasileira). Não tem havido um verdadeiro diálogo na produção curricular no Brasil, muito menos uma preocupação de partir das realidades dos discentes, de seus situações-limites (muito menos que promova atos-limites).

Na seção **RESENHAS** o leitor encontrará três (3) produções. A primeira é de José Ricardo Marques Braga, a qual se volta à apresentação e à análise crítica da obra *“O ensino de Humanidades nas escolas: Sociologia, Filosofia, História e Geografia”*, organizada por Cristiano das Neves Bodart e lançada em 2019, pela Editora Café com Sociologia. Segundo Braga, trata-se de uma obra com sólidos diálogos teóricos que, em seu conjunto, apresenta as disciplinas de Sociologia, Filosofia, História e Geografia, não apenas como uma forma de apreensão do mundo social legitimada pela ciência, mas também e, sobretudo, uma ação política de resistência. Para o resenhista, a obra traz ainda frutíferas e pertinentes reflexões sobre a operacionalização das Ciências Humanas no chão da

escola. Contudo, nos importa chamar atenção que por mais exitosas que possam ter sido os métodos apresentados pelos autores da obra resenhada, é necessário considerar as situações no mundo dos homens e mulheres, sobretudo suas situações-limites, para que tais práticas possam ser devidamente (re)adequadas às diversas realidades e sujeitos, como nos orienta Freire (2019).

A segunda produção, de autoria de Celeste Mmende, trata-se da resenha da obra **“Sociologia Escolar: ensino, discussões e experiências”** também organizada por Cristiano das Neves Bodart e lançada em 2018 pela Editora Cirkula. Para Mmende, a obra suscita aspectos que evidenciam a importância da Sociologia Escolar, apresentando boas experiências docentes e excelentes recursos didáticos que podem, em alguma medida, ser replicados em outros contextos escolares. Apenas chamamos a atenção para a necessidade de que tais práticas venham a considerar o que Freire (2019) chamou de “universo temático” dos educandos e o considerar no processo de adaptação.

Já a terceiro trabalho dessa seção, é de Andréa Ana do Nascimento. A autora realiza uma resenha da obra **“Rumos da Sociologia na educação básica: ENESEB 2017, reformas, resistências e experiências de ensino”**, organizada por Haydée Caruso e Mário Bispo dos Santos e lançada em 2019 pela Editora Cirkula, 2019. Trata-se de uma coletânea de textos produzidos pelos coordenadores dos Grupos de Trabalhos (GTs) do Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESEB) realizado no ano de 2017, em Brasília. Para Nascimento, a obra tem o mérito de realizar reflexões e consideração em torno dos avanços e dificuldades enfrentadas pelo ensino de Sociologia últimos anos.

Por fim, a edição traz uma entrevista realizada por Brena Kécia Andrade de Oliveira e Joana Elisa Röwer com a professora de Sociologia “M. Olga de Lima Caracas”. Nessa entrevista, intitulada **“Sou reconhecida como a professora da Sociologia em movimento’: entrevista realizada com M. Olga de Lima Caracas”** o diálogo ocorre entre educadora-educanda e pesquisadoras, momento no qual as pesquisadoras tomam, prioritariamente, uma posição de escuta.

A maior parte dos trabalhos trazidos na presente edição sucita a importância do diálogo, seja entre pesquisadores e pesquisados, seja entre educadores-educandos e discentes.

Tomamos esse espaço para, além de apresentar ao leitor o volume 4, número 1, da CABECS, afirmar de forma unívoca: **PRECISAMOS DIALOGAR ACERCA DO (E NO) ENSINO DE SOCIOLOGIA!**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Trad. Adriana Lopes. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 71º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, Ana L. S. Prefácio. In: FREIRE, Paulo (Org.). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 39-45.

## **COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO**

BODART, Cristiano das Neves. Precisamos dialogar sobre o (e no) ensino de Sociologia. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. CABECS, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p.05-15, 2020.